

CENTRO UNIVERSITÁRIO  
BRASILEIRO - UNIBRA LICENCIATURA  
EM PEDAGOGIA

HELOIZA YASMIM DA SILVA  
TAYNAN OLIVEIRA DE SOUZA

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: principais dificuldades na  
alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro  
Autista (TEA)**

RECIFE/2022  
HELOIZA YASMIM DA SILVA  
TAYNAN OLIVEIRA DE SOUZA

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: principais dificuldades na  
alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro  
Autista (TEA)**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,  
como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em  
Pedagogia.

Professora Orientadora: Ariedja Silva

Ficha catalográfica elaborada pela  
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 1745.

S586e Silva, Heloiza Yasmim da  
Educação inclusiva: principais dificuldades na alfabetização de crianças  
com transtorno do espectro autista (tea). / Heloiza Yasmim da Silva, Taynan  
Oliveira de Souza. Recife: O Autor, 2022.

26 p.

Orientador(a): Prof. Ariedja Silva.

Trabalho De Conclusão De Curso (Graduação) - Centro Universitário  
Brasileiro – Unibra. Licenciatura em Pedagogia, 2022.

Inclui Referências.

1. Alfabetização. 2. Educação. 3. Inclusão. 4. Autismo. I. Souza, Taynan  
Oliveira de. II. Centro Universitário Brasileiro - Unibra. III. Título.

CDU: 37.01

*Dedicamos esse trabalho a nossos pais e amigos que fizeram parte contribuindo significativamente na nossa jornada acadêmica. Sem vocês não teríamos conseguido.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à Deus e todos os anjos de luz, pela nossa vida e força concedida para enfrentar toda a vida acadêmica com força e vontade de crescer. Aos nossos familiares por nos ajudar a ultrapassar os obstáculos e chegar ao final no curso.

À nossa orientadora, Ariedja Silva, por todo caminho percorrido, orientações contundentes e pontuais para crescimento do presente artigo.

E aos nossos professores, salientamos nossos sinceros agradecimentos pela jornada acadêmica completa e bem colocada e por ter nos preparado com maestria.

*“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”*

Professora UNIBRA. Mestra em educação matemática e tecnológica – UFPE.  
Ariedja.carvalho@grupounibra.com

(Paulo Freire)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO</b> .....	11
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	12
3.1 Autismo.....	12
3.2 Inclusão.....	14
3.3 Alfabetização e Letramento.....	16
3.4 Dificuldades na alfabetização.....	18
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	20
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	22
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	24

## **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Principais dificuldades da alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**

Heloiza Yasmim Da Silva  
Taynan Oliveira De Souza  
Orientadora: Ariedja Silva

**Resumo:** O Transtorno de Espectro Autista (TEA) é um transtorno que engloba um conjunto de diferentes condições marcadas por perturbações no desenvolvimento neurológico, que têm início na infância e vem a intervir em vários aspectos da vida do educando. Este artigo propõe esclarecer, sob uma abordagem inclusiva os principais desafios na alfabetização de crianças com Transtorno de Espectro Autista, buscando identificar soluções para estes desafios. A pesquisa bibliográfica buscou referências em documentos como a declaração de Salamanca (1998), LDB e a lei Berenice Piana que vem trazendo referências necessárias para educação inclusiva com as leis criadas entre dezembro de 2012 e julho de 2015 que impõem a inclusão de pessoas com deficiências. Também com autores como Bruniet *al.* (2013), Costa, Oliveira e Siems (2021), Nunes e Walter (2016) e Rivière (2004), entre outros autores que contribuíram e enriqueceram muito nosso artigo. Nas leituras iniciais, identificamos que é necessário encontrar soluções para desafios como: trabalhar contato visual e interação social, bem como identificação de figuras e nomeações de vogais, pois esse conjunto facilita o desenvolvimento e gera soluções, já que os desafios que surgem no processo de alfabetização de crianças autistas não impedem que ele aconteça. No presente artigo, são abordadas algumas questões fundamentais para este entendimento, suas características, sua relação com o conhecimento e com os demais desafios presentes em sala de aula. Nesta problematização, busca-se identificar as principais dificuldades e analisar como se dá a inclusão dessas crianças no meio escolar e social.

**Palavras-chave:** alfabetização; educação; inclusão; autismo.

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização engloba inúmeros desafios e quando se fala de autismo não é diferente, na realidade, esses desafios se encontram em proporções ainda maiores. O percurso metodológico partiu de uma abordagem inclusiva e o nosso artigo tem como principal objetivo especificar atalhos para alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma das causas dos diagnósticos são sobre fala e linguagem e fala e comunicação. Pois a falta de habilidades de comunicação em crianças autistas é um desafio e impacta muito o processo de alfabetização, devido a compreensão dos contextos de sinais sociais. Vale lembrar que a criança desde sempre é inserida na cultura letrada e que mesmo não sabendo ler ou escrever é papel do professor(a) trilhar o caminho leitor desse aluno. Como diz Paulo Freire (2001, p.48): “O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”

É preciso já identificar características cognitivas e comportamentais da criança autista para o início do processo, pois o escritor e psicanalista Pommier (1996) pontua que a aprendizagem e habilidade da escrita está além do domínio de técnicas de alfabetização ensinada no contexto escolar. Segundo o autor (POMMIER, 1996), se uma criança ainda não consegue escrever, não é por falta de maturidade, interesse, responsabilidade ou por problemas em seu desenvolvimento cognitivo, e sim, porque há um caminho subjetivo a ser percorrido antes da construção da escrita.

A falta de conteúdos conclusivos metodológicos traz para a sociedade uma segregação muitas vezes involuntária para o meio inclusivo. Trazer esse tema é trazer para o meio inclusivo mais informações e melhorias. O processo de alfabetização de modo geral, ocorre da mesma forma, trazendo abordagens fônicas, introduções silábicas e etc. Entretanto a necessidade de adaptações que consideram necessidades de crianças com TEA surgem com alta frequência. Esse estudo trás ferramentas de apoio, para discentes e docentes que trabalhem ou que tenha transtorno do espectro autista. A inclusão de alunos com TEA necessita de transformações, sobretudo, na maneira como os educadores enxergam esses alunos, se colocam no próprio papel e conciliando a relação com a escrita e o conhecimento.

Sabe-se que o processo de alfabetização em crianças com TEA, bate de frente com vários contras. Costa, Oliveira e Siems (2021) pontuam que o TEA é um transtorno de neuro-desenvolvimento com características de deficits de interação social. Como o transtorno é um espectro, não tem como todas as crianças terem as mesmas características. E características como; disfunção executiva, disfunções motoras, pouco contato visual, pouca reciprocidade, não saber dialogar, atraso na aquisição da fala e linguagem, podem não estar presentes em todas as crianças. Por tanto, não há como criar uma metodologia que cubram todas elas, mas que chegue o mais próximo de ajudá-las.

Assim, nosso texto buscou responder à seguinte questão: Quais as principais dificuldades no processo de alfabetização de crianças autistas? Muitas dificuldades na alfabetização da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) foram encontradas nessa pesquisa, e entre elas, o problema na comunicação e na interação social. Essas dificuldades impactam diretamente o processo de alfabetização, devido às dificuldades de compreensão. Com o TEA, algumas crianças não falam ou são pouco fluentes e existem ainda as que não falam nada e essas características do autismo interferem brutalmente esse processo alfabetizador. Porém, ainda existem outras características no autismo que também dificultam a alfabetização: pouco contato visual, que tira do educando a troca com o professor; o atraso na aquisição da linguagem, pois a verbalização é um dos processos de leitura e, somados à lenta velocidade de processamento, problemas em usar pronomes, ecolalia e termos ininteligíveis, tardia ainda mais esse processo.

O objetivo geral dessa pesquisa é destacar as principais dificuldades na alfabetização da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Já os objetivos específicos trazem as necessidades de conhecer as principais dificuldades das crianças com o espectro autista na alfabetização, delinear as práticas pedagógicas presentes na alfabetização de crianças com o TEA e principalmente verificar como se dá a inclusão das crianças autistas na sociedade e no ambiente escolar.

A partir de agora, serão apresentados com pontualidade delineamento metodológico, referencial teórico, resultados e discussão, considerações finais e

referências. Com intenção de deixar ainda mais claro os o assunto abordado nesse artigo.

## **2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO**

A pesquisa bibliográfica, na presente pesquisa, procura explicar e discutir as dificuldades da alfabetização de crianças com TEA com referências teóricas publicadas em livros, artigos científicos, teses e também em vídeos de caráter acadêmico científico.

Para Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é realizada a partir do levantamento de referências teóricas que já foram analisadas em algum período, e publicadas por vários meios, sejam eles manuais ou eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites, assim como está sendo a construção do presente artigo.

A metodologia qualitativa, neste artigo, servirá para descrever a complexidade do problema para crianças com TEA e para análise e interação de certas variáveis que auxiliam na compreensão e classificação de processos difíceis para essas crianças. Por isso é de extrema importância analisar as informações já obtidas nas pesquisas para então criar observações e compreender o que foi e será visto. Pois a pesquisa qualitativa tem a indução da construção de hipóteses, observações, análise e descrição. Todo processo de montagem de um artigo depende da dedicação imposta pelos pesquisadores e montadores do mesmo, pois, segundo Paulo Freire (2002) a pesquisa e o ensino andam juntos.

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa em ensino. Esses fazeres se encontram um no outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo.” (FREIRE, 2002)

Já a pesquisa exploratória vem estabelecendo critérios, métodos e técnicas para alfabetizar crianças com TEA, pois é uma pesquisa que está visando oferecer informações sobre as dificuldades e orientar a formulação de várias hipóteses. Segundo Cervo e Silva (2006), pode-se dizer que esse tipo de pesquisa é o estudo de teses já publicadas, e a partir disso é essencial a leitura para que haja o domínio do

Professora UNIBRA. Mestra em educação matemática e tecnológica – UFPE.  
Ariedja.carvalho@grupounibra.com

conhecimento no assunto. Este tipo de pesquisa tem vários benefícios, pois, ele é facilmente encontrado na Internet, assim como encontramos vários materiais com o tema de dificuldades na alfabetização de crianças com TEA, buscando sempre o aprimoramento com essas obras já publicadas que se podem ser pegadas como referência, entre outros.

A escolha dos materiais para o presente artigo foi feita de forma criteriosa, pois, teses, dissertações, livros, artigos científicos e vídeos foram achados com facilidade envolvendo o assunto, entretanto, para uma qualidade na pesquisa que é necessário filtrar tudo que se tem em mãos. Com isso concordamos com a ideia de Paulo freire que não ensino sem pesquisa, dar um Google e achar vários conteúdos é fácil e rápido e com o estudo para a elaboração desse artigo aprendemos que nem tudo que está na Internet podemos levar com material formal de nível acadêmico e isso fica mais claro quando o artigo caminha para a elaboração do seu referencial teórico.

A seguir será exposto o referencial teórico usado na composição deste artigo, buscas por matérias de qualidade e referências qualitativas um texto digno de ser apresentado na conclusão de um curso universitário.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1 Autismo**

É de muita importância salientar como o processo de aprendizagem melhora quando a criança é acompanhada por pessoas especializadas, o que ajuda a alcançar o objetivo que é a aprendizagem da criança com TEA, nesse processo, o desenvolvimento, responsabilidade e afetividade, são coisas essenciais, pois crianças com TEA tem suas particularidades, uma delas é isolamento e o pouco contato, tanto visual, quanto social, que torna um pouco desafiador para os profissionais. Para Almeida (2021) Dada a sua extrema complexidade e variabilidade nos aspectos comportamentais do sujeito, o prognóstico exige, em sua realização, uma abordagem multidisciplinar que vise não somente um acompanhamento médico, mas de toda uma equipe multi-profissional.

No entanto, o transtorno do espectro autista, tem suas condições que representa

muitos desafios como, habilidades sociais, comportamentos, fala. E com isso, é possível compreender que a criança, o adolescentes com TEA, tem costume de viver “Dentro do seu próprio mundo” , o que torna isso um desafio em questão da interação e a comunicação. Mendes (2020) Relata que, O primeiro é a garantia de convívio, de interação do estudante com deficiência com o restante da comunidade escolar, na medida em que essa interação é um ingrediente fundamental para que o aluno seja desafiado e possa desenvolver o máximo de seu potencia.

O TEA, é um transtorno que pode ser descoberto entre 2 e 3 anos de idade, ou até os 18 meses, entretanto essa faixa etária já consegue identificar o transtorno do espectro autista. Há muitos tipos de autismo, eles são causados por diferentes combinações.

“Os transtornos do espectro do autismo podem ser definidos como transtornos do neuro-desenvolvimento que reincidentemente surgem na primeira infância, mais especificamente nos primeiros três anos de vida da criança.” (ALMEIDA, 2021)

O processo de interação da criança com TEA é um processo que pode ser demorado, ou não, dependendo muito do diagnóstico e também do seu desenvolvimento, da técnica trabalhada em sala de aula, e as práticas pedagógicas, inovações, que possa atender e entender as particularidades do aluno. Almeida (2021), também conta que, quando a ação mútua da comunicação não é evidente e o retorno do aluno não vem de forma imediata, não significa que o aluno não conseguirá apreender os conceitos científicos que estão sendo trabalhados em sala de aula. O que ocorre, nesse processo, é que para os alunos com autismo, a forma de assimilar os novos conteúdos é peculiar e necessita de intervenções didáticas diferenciadas, levando em conta as singularidades presentes no autismo.

A criança com TEA, tem uma certa característica com cores, sons, e o uso concreto desses matérias, as atividades se torna algo mais significativos. Segundo Almeida (2021) O interesse por cientistas, suas histórias e seus feitos também geram e nutrem a curiosidade destes alunos, que apresentam pouco tempo de concentração para uma aula expositiva, a não ser que esta lhe chame a atenção. Além disso, interessam-se naturalmente por objetos concretos, os quais muitas vezes costumam

explorar de modo peculiar, como cheirar e posicioná-los em diferentes ângulos.

O ensino se concretiza quando alcançamos o objetivo que é conseguir passar para o aluno tudo o que é preciso para a sua aprendizagem.

“O ensino só se concretiza de fato, quando há aprendizagem, ou seja, quando o ato de ensinar resulta no ato de aprender. Esse movimento indica a complexidade da aprendizagem, que é um contínuo, uma constante construção, desconstrução e reconstrução de esquemas interpretativos, mediados pelo professor.” (ALMEIDA, 2021)

### 3.2 Inclusão

As praticas pedagógicas na educação de alunos que necessitam de inclusão por ter necessidades especiais estão ligadas ao pensamento retrogrado de que há ali uma “dificuldade de aprender”, e passam a enxergar os alunos como limitados. Alunos com TEA, muitas vezes são vistas como orgânicas pela sociedade, o que dificulta ainda mais o processo de alfabetização, quando se pensa que jamais aquele aluno conseguirá aprender. Porem, Matazzona (1998) enfatiza de forma árdua que a educação para alunos com necessidades educacionais tem os mesmos objetivos da educação de qualquer cidadão e devem partir do mesmo princípio.

“A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área.” (SANTOS, 2008, p. 9).

Como diz Santos (2008) O trabalho educativo acontece desde que começa a relação com outro, a troca de conhecimentos e experiências. A inclusão serve para todas as crianças, especificamente as crianças com deficiências e também as que não tem diagnósticos. A inclusão, é de fato incluir os alunos que tem uma necessidade importante para o seu desenvolvimento, em todos os aspetos, tanto na aprendizagem, como social. Segundo as escritas de Mendes (2020) Governos pelo mundo reconheceram que alcançar o direito à educação para todos requer que todos, signifique todos e isso inclui alunos com deficiência. Como o mesmo fala; “A

continuidade da construção de redes de ensino inclusivas é o caminho pelo qual devemos optar, se de fato almejamos um país mais civilizado e igualitário. Está em nossas mãos nos mobilizarmos para que esse seja o caminho perseguido.

“Desenvolvimento de um processo de transformação das concepções teóricas e das práticas da Educação Especial, que vêm historicamente acompanhando os movimentos sociais e políticos em prol dos direitos das pessoas com deficiências e das minorias excluídas, em geral” (GLAT, FERREIRA, OLIVEIRA e SENNA, 2003, p. 21-22).

Os profissionais da educação, professores e gestores, precisam trabalhar de alguma forma a autonomia das crianças e adolescentes com deficiência, uma parceria entre psicopedagogos, pais e escola é indispensável falando de alunos com TEA ou qualquer outra deficiência, fazendo com que ele se sinta seguro e motivado a desenvolver as suas habilidades e sempre respeitando as suas particularidades e o tempo de apropriação de aprendizagem, pois, escola inclusiva representa muitas coisas além da educação, desperta também a vontade de ser educado. É de muita importância também ressaltar a igualdade sobre a inclusão social nas escolas, os valores e respeito a cada indivíduo é de grande importância e com o tempo, e com o tempo, trabalhando essa igualdade, tomará mais espaços, em nossa sociedade, e nesse caminho chegaremos a garantir o direito de todos e para todos na participação social e educativa.

Documentos como a declaração de Salamanca (1994), LDB, e lei Berenice Piana com toda certeza tem uma parcela muito grande na inclusão de alunos com deficiência. A declaração de Salamanca traz a educação inclusiva e a coloca num lugar de “reforçar” a ideia de educação para todos, mas usando a pontuação de Bueno (2006,2008), que fala que no Brasil o fracasso escolar continua pontual, que mudou a as vestis mas continua presente no país, afetando principalmente deficientes de classes menos favorecidas. Podemos ver a importância desse documento, pois, se hoje 2022, vimo-nos em meio a lacunas fazias na educação inclusiva, podemos imaginar o que acontecia com alunos deficientes a anos atrás. Percebemos que em algumas situações, muitas vezes responsabilizam o docente por não conseguir seu desenvolvimento, por não conseguir se adaptar, se adequar em sala de aula, mas a educação é uma ação

conjunta, um dever da família e do estado.

O estado deve comprometer-se a trazer um profissional da educação, capacitado e que de certa maneira esteja apto a atender e compreender suas particularidades do docente com TEA. A inclusão, parte do profissional da educação, o dever é incluir o docente, e que de forma contínua esteja preparado para ensinar e começar o processo de inclusão. No entanto, o educador, precisa está consciente de que sua participação e persistência junto com a escola é essencial para que a inclusão aconteça. O trabalho de parceria, de escola, família e educador é extremamente necessário e rico, porque é por meio dessa colaboração em função do objetivo, que amplia muitas visões que possam estabelecer rendimentos para o desenvolvimento da inclusão.

Art. 2ª A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.  
(BRASIL.9.394.LDB.1996)

A luta pela inclusão se iniciou em 1994 com a declaração de Salamanca, felizmente não parou ali. A lei 12.764, efetivada em 28 de dezembro de 2012, que leva com mérito o nome de a Lei Berenice Piana, que instalou a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com transtornos do espectro autista. A lei Berenice Piana beneficiou muito as crianças com TEA, impondo seus direitos, e garantias. Trazendo tanto para às crianças autistas, quanto para às crianças com deficiências, trouxe os benefícios de serviço como assistentes sociais, medicamentos, atendimentos multidisciplinar. O documento de tamanha importância foi a declaração de Salamanca que também trás consigo a educação inclusiva e o direito para todos. A declaração Salamanca, no entanto a ponta os princípios para uma educação especial e pedagogia direcionada. Por tanto, a declaração Salamanca foi um documento rico e torneador por defender o direito da criança com necessidades especiais.

E logo em seguida viu a necessidade da criação da Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, que se caracteriza no Estatuto da Pessoa com Deficiência. A criação dessa lei, traz para a as escolas profissionais especializados na questão, e acompanhamentos adequados.

### 3.3 Alfabetização e Letramento

Vamos dar início a esse tópico definindo alfabetização e Letramento para melhor entendimento de quem for ler esse artigo. Como um dos principais processos na aquisição da leitura, alfabetização é quando o indivíduo consegue desenvolver a habilidade de ler e escrever e de acordo com SOARES (2016) vai além, por meio da escrita conseguimos a comunicação. “A alfabetização – faceta linguística da aprendizagem inicial da língua escrita – focaliza, basicamente, a conversão da cadeia sonora da fala em escrita.”

A alfabetização não anda sozinha, caminhando ao seu há o ato de letrar. Segundo Magda Soares (2003); “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e a escrever dentro de contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”. E diante desse cenário, entendi-se que cuidados serão necessários na hora da alfabetização e para isso contamos com a ajuda do Letramento. Essa capacidade de conduzir a escrita é muito pontual, inserir no assunto a realidade social e cultural desse educando buscando a contextualização para buscar o interesse sobre a perspectiva de leitura com fluidez.

O processo alfabetizador para os autistas conta várias anuências, uma delas é o uso de metáforas. Elas podem crescer o desinteresse do educando autista, já que já provado cientificamente o desejo do autistas pelo concreto, e metáforas vão contra isso. Uma vez falado “está chovendo pedra” dependendo no nível de autismo, é entendido que realmente está chovendo pedra. Autistas não tem a habilidade de identificar tom de voz e expressões faciais que são capazes de mudar o significado do que alguém está dizendo é isso traz dificuldades para esse processo.

Para falarmos nas principais dificuldades no processo de alfabetização e letramento de crianças autistas, precisamos entender inicialmente o conceito de alfabetização, de acordo com SOARES (2020);

“a alfabetização é um processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é do conjunto de técnicas, procedimentos habilidades, necessária para a prática de leitura e da escrita, assim como conceito de letramento refere-se a capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica várias

habilidades como a de interpretação textual”. (SOARES,2020, p17)

É esperado que a criança seja alfabetizada ainda no ensino fundamental, porém isto vai variar de acordo com a facilidade no aprendizado de cada um. Este processo tem caminhos distintos para cada criança, visto que cada aluno tem sua particularidade, para crianças com o espectro autista é necessário um acompanhamento individual com cada aluno. De acordo com o site [exame.com](http://exame.com) no ano de 2022 ainda existem cerca de 2,4 milhões de crianças não alfabetizadas, o que nos mostra dados reais da atual educação no país, tendo como base a alfabetização temos o letramento que por sua vez são processos distintos.

O processo de alfabetização não requer inteiramente à escola e professores como também sua família e o meio em que cada aluno vive, é um processo interativo em que todos participam e colaboram para a aprendizagem, e ainda de acordo com Soares (2020), “a aprendizagem dar-se pelo processo pelo qual a criança, pela mediação de outros, adquire informações sobre a escrita e habilidades com a escrita, A alfabetização contribui para o desenvolvimento do indivíduo, assim como sua autonomia.”

Com o contexto atual de letramento pôde-se desenvolver o ato da interpretação na leitura e escrita, o letramento não é tão simples, pois não é apenas ler ou escrever, depende de habilidades sociais, visto isso pensa-se nas dificuldades passadas por cada aluno com o espectro autista, tais alunos necessitam de acompanhamento para promover o auxílio em suas atividades básicas e de ensino. esperado que a criança seja alfabetizada ainda no ensino fundamental, porém isto vai variar de acordo com a facilidade no aprendizado de cada um.

### **3.4 Dificuldades na alfabetização**

Durante todo o processo de formação e pesquisas foi passado por diversas práticas e experiências, pôde-se sentir as dificuldades passadas durante o processo de alfabetização e letramento do educando, passando por problemas de comunicação, interação social, atenção e inclusão. Segundo Vygotsky (1993), a fala é um instrumento de mediação, portanto, compreender a fala como um elemento de linguagem e

expressão do pensamento da criança se faz relevante na educação, contudo para alunos TEA, a problematização pode ser ainda maior, por já terem esta dificuldade presente em sua vida.

A inclusão não se dá em manter apenas o aluno ali presente na escola, mas sim, em incluir ele realmente na sociedade, na rotina escolar. Este processo é um grande desafio, todavia com o suporte necessário pode ser superado, trazendo assim, uma vida adulta mais efetiva, tornando o aluno autista, um adulto crítico, de acordo com Ainscow e Ferreira, 2003, a inclusão é um processo que visa apoiar a educação para todos e para cada criança no mundo, Isto é os direitos iguais de educação, saúde e segurança.

A LDA-a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394 (BRASIL, 1996) fala em seu capítulo V sobre a educação especial:

DA EDUCAÇÃO ESPECIAL Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou super dotado. § 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. § 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil. Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou super dotado: I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades; IV – educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora; (LDBEN) nº 9.394 (BRASIL, 1996)

Em geral, existem várias leis que contemplam e favorecem a educação especial, porém cabe a escola e ao governo assegurar que esta modalidade de ensino será cumprida de acordo com os previstos.

Falando um pouco sobre o TEA, o Transtorno do Espectro Autista engloba diferentes condições marcadas por perturbações do desenvolvimento neurológico com três características fundamentais, que podem se manifestar em conjunto ou isoladamente. São elas: dificuldade

de comunicação por deficiência no domínio da linguagem e no uso da imaginação para lidar com jogos simbólicos, dificuldade de socialização e padrão de comportamento restritivo e repetitivo.(VARELLA, Drauzio, 2014).

Os alunos com o espectro autista necessitam sempre de estímulos para desenvolver sua aprendizagem, visto isso se pode utilizar de jogos, brincadeiras, atividades de montagem e atividades em que todo o grupo participe, com fins de promover uma interação social, pois, sabe-se que o processo de ensino e aprendizagem se inicia primeiramente na troca com o outro, é essencial para o desenvolvimento do educando que a família participe e esteja presente na educação, visto, que a família é o primeiro contato que o indivíduo tem com o outro e assim desenvolver habilidades sociais.

Para o educador, um grande impasse para a alfabetização de alunos TEA terem êxito neste processo, diz respeito a capacitação dos professores, os mesmos não recebem capacitação e formação continuada para dar o suporte necessário a estes alunos, o que dificulta em sua linguagem verbal e não verbal para lidar com determinadas situações, se faz necessário criar estratégias para que o processo de alfabetização e letramento seja concluído com o máximo de êxito.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O presente artigo destaca as principais dificuldades na alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista. Um ótimo começo para obter bons resultados é observar veementemente o educando, para que as habilidades relacionadas à leitura, que o aluno com (TEA) já apresenta, sejam aproveitadas. Saber a base que o educando já tem, dá um dimensionamento para a inclusão, pois, os infortúnios nas interações sociais conciliam com o comportamento não verbal e ou repetições de palavras que ele já ouviu o autista tem várias características que estão ligadas as suas dificuldades na alfabetização, e por isso é preciso mais atenção:

Os autistas são crianças que apresentam atrasos na linguagem ou ausência no desenvolvimento da fala, o que às vezes dificulta a manutenção de um diálogo. Os

autistas poderão apresentar ecolalia que é a repetição do que acabou de dizer, incluindo palavras, expressões ou diálogos (FONSECA, 2009, p. 16).

É de extrema importância o comprometimento de um grandioso trabalho em conjunto de característica multidisciplinar entre pedagogos, médicos, psicopedagogos e fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais para a promoção do bem estar do educando e dar a ele o direito de ser incluído. Pois, uma criança que tem em sua bagagem dificuldades na aquisição de palavras, fala repetitiva, alteração sensorial, falta do contato visual, dificuldades em brincar com outras crianças entre outras disfunções necessitam de apoio.

O resultado mais esperado com esse trabalho é o da promoção de inclusão dos alunos com TEA, por meio da visualização das principais dificuldades na alfabetização estabelecidas às crianças com o diagnóstico do autismo. Estar ligado à realidade social do educando também é importante, entender que condições sociais e financeiras podem ser um auxílio ou uma dificuldade maior nesse processo e trazer um estudo voltado para essa necessidade é um salto para educação inclusiva de modo geral, pois há inúmeros conteúdos que falam sobre a alfabetização e o autismo, porém, poucos trazendo essa combinação, que é tão importante, seguindo o raciocínio do nosso grande patrono da educação, Paulo Freire.

“Como um ato de conhecimento, o processo de alfabetização implica na existência de dois contextos dialeticamente relacionados”. Um é o contexto autêntico diálogo entre educadores e educandos, enquanto sujeitos de conhecimento. É o contexto teórico. O outro é o contexto concreto, em que fatos se dão a realidade social em que se encontram os “alfabetizandos” (FREIRE, 2001, p. 51).

Os estudos de Grigorenko (2002) indicam que, embora a capacidade em reconhecer palavras escritas em crianças com transtorno do espectro autista possa ser semelhante à de educandos com desenvolvimento típico, entre 5 e 10% das pessoas com TEA apresentam habilidades de decodificação expressivamente superiores as de compreensão. Crianças com autismo tendem a apresentar mais deficits na integração das informações para depreender os sentidos. Baseados nas pesquisas realizadas no decorrer deste projeto, percebemos as principais dificuldades da criança com TEA e que o ensino da leitura para educandos com autismo deve conter o respaldo nas Professora UNIBRA. Mestra em educação matemática e tecnológica – UFPE.  
Ariedja.carvalho@grupounibra.com

especificidades cognitivas, sociocomunicativas obtidas por eles. É de se esperar ainda mais que esse sirva de alerta e orientador do ponto de vista pedagógico, tanto para o professor quanto para os alunos.

E segundo a Magda Soares (2003), uma das principais referencia brasileira em alfabetização, “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam a parte da vida do aluno.” Logo, muita atenção deve ser imposta ao conduzir a alfabetização, e principalmente na hora de incluir os educandos com (TEA), que por sua vez apresentam disfunções que podem vir atrapalhar esse processo.

A grande discussão neste artigo foi em como chegar a resultados favoráveis a alfabetização de crianças com TEA, e que caminhos seriam necessários percorrer para chegar de fato ao que é almejado. É a pesquisa bibliográfica eu deu esse panorama complementar, entender o processo de alfabetização não é difícil quando se tem pesquisas e teóricos eloquentes. E a necessidade a interferência jurídica para por em pratica as leis já criadas fica ainda maior diante da quantidade de crianças com necessidades especiais fora da escola, pois uma escola inclusiva tem necessidades que profissionais capacitados na área para melhor acolhimento desenvolvimento das tarefas quanto educador.

Enquanto o aluno com autismo não adquire a autonomia necessária, é importante que ele permaneça sob o auxílio de um profissional capacitado ou um psicopedagogos para que dê suporte ao professor em sala de aula. Na escola inclusiva, é demasiadamente difícil para um único educador atender a uma classe inteira com diferentes níveis educacionais e, ainda, propiciar uma educação inclusiva adequada. (CUNHA, 2012, p.55)

Sinalizamos que o resultado mais esperado com esse artigo é da inclusão de crianças com transtornos do espectro autista as escolas e alfabetizadas, mostrar quais as principais dificuldades nesse processo e melhorar para o campo profissional educacional para educadores e educandos. E que ao haver a compreensão sobre o que a autonomia o saber ler e escrever para um TEA é de suma importância, já que o autismo tem as suas limitações, mas impossibilidade. Algumas crianças com TEA têm sim dificuldades maiores que outras, mas nada impossível para escolas inclusivas e

preparadas para receber alunos com deficiência seja ela qual for. Inclusão não é privilegio todos os direitos concedidos a nós, veio através de muita luta e o direito de ser incluído é um deles.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de todo cenário apresentado neste artigo, é preciso salientar os avanços para educação inclusiva e a conscientização do autismo vem ganhando espaço, no Brasil, o dia da conscientização do autismo tem gerado cada dia mais envolvimento das pessoas, salientando que em 2010, no dia 02 de abril, aconteceu um grande movimento no Brasil com iluminações azuis espalhadas em todo território nacional. Dando espaço para uma causa tão importante e no gráfico abaixo será anexado uma tabela mostrando a quantidade de alunos que deixaram de frequentar antes e depois das movimentações de conscientização. E visto de perto como a educação uma união, a comunidade escolar em conjunto com a família é quem vai fazer essa mediação de conhecimento para educando “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987).

O autismo é um distúrbio no neuro-desenvolvimento, que tem como característica um desenvolvimento atípico, dificuldades na interação social, comunicação, ações comportamentais e padronização dos comportamentos repetitivos, e infelizmente não é de conhecimento de todos e vemos esse artigo como algo importante e necessário no meio informativo sobre as principais dificuldades na alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista (TEA).

Com isso, salientamos que para a resolução da problemática da alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista, compreendendo suas principais dificuldades, a capacitação de professores e profissionais da área de educação com apoio contundente de profissionais da saúde como, fonoaudiólogos, psicopedagogos, neuropsicopedagogos é de suma importância para o processo alfabetizador precisa acontecer de forma interdisciplinar, em que todos estes profissionais atuem de maneira integrada para um desenvolvimento globais das crianças. Entender e compreender faz parte do processo de inclusão, e o autismo não é um diagnóstico de invalidez, estamos

tratando da condição do indivíduo. Sim, o educando com autismo necessita de estímulos maiores, porém, nada fora da casa para educadores preparados, que pesquise e que busque, pois vimos durante a pesquisa para a construção do artigo que pesquisar faz parte do processo de aprendizagem, e concluímos esse artigo com a ambição que ele ajude educadores e educandos nesse processo complexo e pontual.

Em suma, o presente artigo científico traz uma temática importante que formenta a discussão entre os educadores e futuros educadores sobre as principais dificuldades na alfabetização de crianças com TEA. Teóricos e artigos auxiliaram nessa formentação, trazendo metodologias inclusivas, sobrepondo que a alfabetização parte de um pré suposto cognitivo, porém com adaptações para melhor evolução do educando. O processo alfabetizador inclui etapas e trabalho em conjunto, família, comunidade escolar e profissionais da saúde, pois, para estar alfabetizado é preciso saber ler e escrever e isso serve para todos os indivíduos, seja ele típico ou não. A diferença está nas adaptações, na capacitação de professores, e no fazer o aluno querer saber ler e escrever dentro de tudo proposto para a idade de cada um, inteirando-se das dificuldades e peculiaridades de cada discente.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Flávio. **Autismo, avanços e desafios**. 1. ed. São Paulo: científica digital, 2021.
- ALMEIDA, Flávio. **Aprender com os outros para educar todas as crianças e jovens**. In: Flávio, R. João. (org.). **Autismo, avanços e desafios**. São Paulo: científica digital, 2021. p. 18-29.
- BRASIL.9.394. **Lei de diretrizes e bases da educação**. 1996.
- BRUNA, Maria Helena Varella. **Transtorno do espectro autista. DRAUZIO**. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtorno-do-espectro-autista-tea/>. Acesso em 02 de ago de 2022.
- BRUNI, A. R. et al. **Cartilha autismo e educação**. São Paulo: Autismo e Realidade, 2013.
- CERVO, A.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson, 2006
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: paz e terra, 2002.
- COSTA, A. F.; OLIVEIRA, L. E.; SIEMS, M. E. R. **Transtorno do Espectro Autista e Alfabetização: Alfabetização e letramento**. Revista Brasileira de Educação Básica, Belo Horizonte, 5. ed., n. esp., p. 7-10, 2021.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão**. 7. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA, V. R. J. R. **O autismo e a proposta psicanalítica**. 2. ed. São Paulo: Revista mente e cérebro, 2009. p. 16.

FONTES, S. R.; GLAT, R. PLETSCH.; M. D. **Educação inclusiva & educação especial: Propostas que se complementam no contexto da escola aberta à diversidade**. Educação, Revista do Centro de Educação. Rio Grande do Sul. v. 32, n. 2. p. 343-348, 2007.

FONTES, S. R.; GLAT, R. PLETSCH.; M. D. **O papel da educação especial no processo de inclusão escolar: a experiência da rede municipal de educação do rio de janeiro**. Educação, Revista do Centro de Educação. Rio Grande do Sul. v. 32, n. 15. p. 1-4, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, P. **Algumas reflexões em torno da utopia**. In: FREIRE, A. M. A. (org.). Pedagogia dos sonhos possíveis. São Paulo: Unesp, 2001. p. 85-86.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996. p. 48.

GRIGORENKO, E. L. et. al. **Estudo descritivo da hiperlexia em uma amostra clinicamente referida de crianças com atrasos no desenvolvimento**. Revista de autismo e transtornos do desenvolvimento. v.32, n.1, 2002.

MAZZOTTA, Marcos. **Educação especial no Brasil: histórias e políticas públicas**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

NUNES, D. R.P.; WALTER, C. E. **Processos de Leitura em Educandos com Autismo: um Estudo de Revisão**. Revista Brasileira de Educação Especial, São Paulo, ed. esp., v. 22, n. 4, p. 619-632, 2016.

MENDES, Rodrigo. **Educação inclusiva na prática**. 1. ed. São Paulo: Fundação santillana, 2020.

MENDES, Rodrigo. **Palavras do organizador**. In: Rodrigo, L.; EMILIANO, A. (org.). Educação inclusiva na prática. São Paulo: Fundação santillana, 2020.

MENDES, Rodrigo. **Histórico da educação inclusiva**. In: Rodrigo, L.; EMILIANO, A. (org.). Educação inclusiva na prática. São Paulo: Fundação santillana, 2020.

MENDES, Rodrigo. **Conceitos fundamentais da educação inclusiva**. In: Rodrigo, L.; EMILIANO, A. (org.). Educação inclusiva na prática. São Paulo: Fundação santillana, 2020.

MENDES, Rodrigo. **A complexidade da linguagem analógica em ciências para alunos com transtorno do espectro autista**. In: Rodrigo, L.; EMILIANO, A. (org.). Educação inclusiva na prática. São Paulo: Fundação santillana, 2020.

RIVIÈRE, Ángel. **O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento**. In: COLL, César; Professora UNIBRA. Mestra em educação matemática e tecnológica – UFPE.  
Ariedja.carvalho@grupounibra.com

MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (org.). Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo. Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo. Contexto, 2017.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.